

ESCOLA E EXTENSÃO: TRABALHANDO JUNTOS PELA PROPAGAÇÃO DA CULTURA AUDIOVISUAL BRASILEIRA

REBECA SANTOS FERREIRA¹; JOSIAS PEREIRA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rebecafr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – erdfilmes@erdfilmes.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os projetos de extensão universitária são, como o próprio nome diz, uma forma da comunidade acadêmica ir além das salas de aula, extendendo seu conhecimento à cidade a qual ela pertence. O presente artigo explora então, os projetos de extensão vinculados aos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação, sob coordenação do Prof Dr Josias Pereira.

Tais projetos consistem em: um festival de vídeo estudantil voltado para as escolas de cada município onde os projetos ocorrem; e oficinas de produção que que ensinam a explorar técnicas cinematográficas com os alunos. Com o conhecimento da técnica, os alunos podem, posteriormente, inscrever no festival os curtas-metragens produzidos em suas próprias escolas. Atualmente os projetos se desenvolvem nas cidades de Pelotas, Rio Grande, São Lourenço do Sul, São Leopoldo, São José do Norte e Capão do Leão.

Sabidamente, o cinema nacional sofria – e ainda sofre, por vezes – duras críticas, vindas do público geral, sobre sua qualidade e temática. Numa espécie de *complexo vira-lata*, valoriza-se muito os filmes estrangeiros e deixa-se em segundo plano as produções nacionais. Tais críticas são reflexo da história do audiovisual brasileiro, que mistura-se à da política do país e suas leis de incentivo ou restrição à produção. Nos últimos anos, o governo federal e a ANCINE¹, bem como FSA², vem tentando mudar esse cenário, trazendo maior incentivo ao consumo de audiovisual brasileiro, como a Lei da TV Paga³, que estabelece uma cota de exibição de produtos audiovisuais brasileiros de três horas e meia semanais por canal no horário nobre (entre as 18h e meia-noite), sendo metade desse tempo dedicado à produções independentes; o programa Brasil de Todas as Telas⁴, que tem por objetivo promover o maior acesso do público brasileiro às produções nacionais, por meio de desenvolvimento de projetos, capacitação profissional, produção e difusão de conteúdo, e a abertura e modernização de salas de cinema por todo o território nacional; o Decreto nº 8.386⁵, que dispõe que as salas e complexos de cinema em território brasileiro tenham um mínimo de dias por ano com programação nacional de longas-metragens seguindo uma

¹ A ANCINE (Agência Nacional do Cinema) é um órgão do governo federal que tem por objetivo fomentar, regular e fiscalizar a indústria cinematográfica e videofonográfica brasileira. Criada em 2001, está vinculada ao Ministério da Cultura desde 2003. Mais informações em <http://www.ancine.gov.br/>

² O FSA (Fundo Setorial do Audiovisual), órgão ligado à ANCINE e criado em 2006, visa ampliar e diversificar a estrutura das salas de exibição, fortalecer a pesquisa e promover o crescimento da participação do mercado, bem como desenvolver novos meios de produção e difusão. Maiores informações em <http://fsa.ancine.gov.br/o-que-e-fsa/objetivos>

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm

⁴ <http://ancine.gov.br/sala-imprensa/noticias/conhe-o-programa-brasil-de-todas-telas>

⁵ <http://www.ancine.gov.br/legislacao/decretos/decreto-n-8386-de-30-de-dezembro-de-2014>

tabela com um número mínimo de títulos de filmes conforme o tamanho do complexo; e a Lei nº13.006⁶, que instituiu que produções nacionais serão parte do componente curricular, tendo, toda escola, a obrigatoriedade de exibir conteúdo audiovisual brasileiro por ao menos duas horas mensais.

Paralelo à isso, escolas de todo o mundo buscam uma forma de aprendizado diferente da tradicional – com provas –, de modo a acompanhar as mudanças entre gerações e sua relação com tecnologia, adaptando seus métodos e trazendo recursos distintos da lousa e papel para dentro da sala de aula.

Todos esses incentivos ao consumo do audiovisual nacional se somam ao desejo de alguns professores e escolas de buscarem novos métodos de aprendizado, fazendo com que projetos de propagação e ensino de audiovisual em escolas, tragam o produto nacional não apenas ao alcance dos alunos e professores como público, mas também como produtores de cultura audiovisual. Daí a importância dos projetos desenvolvidos pela UFPEL.

2. METODOLOGIA

O *Festival de vídeo estudantil*, produzido ano a ano desde 2012 em Pelotas, partiu da escola Independência, no bairro Sítio Floresta, como uma proposta de trabalho da disciplina Língua Portuguesa para alunos da oitava série. A escola foi em busca de ajuda da UFPEL e chegou até o professor Josias, que já havia desenvolvido projetos similares em outros estados. A partir disso, foi feito contato com a Secretaria Municipal da Educação e a parceria resultou no primeiro festival.

Entendendo que não bastaria apenas criar um festival que servisse de janela para que os alunos expusessem seus filmes, adotou-se não um, mas diversos métodos para fazer com que esse interesse cinematográfico, tão incentivado por políticas públicas, crescesse no ambiente escolar, todos dentro do projeto *Produção de Vídeo Estudantil*.

O primeiro desses métodos consiste na capacitação de professores para que eles possam trabalhar as etapas de produção audiovisual com seus alunos. A importância de se capacitar professores, ofertando a eles tais oficinas, e não diretamente aos alunos, é de se manter o conhecimento com aquele que permanecerá dentro da sala de aula – ora, os alunos se formam, podem decidir dedicar-se a profissões que em nada se assemelhem à produção de vídeo, enquanto que os professores, enquanto quiserem, podem utilizar de tais recursos para trabalhar com seus alunos; possuindo conhecimento na área, os professores estarão aptos à compartilhá-lo em diversas turmas. São então ofertadas, presencialmente ou via vídeo conferência (por uso de recursos como Skype ou Google HangOut) aulas com os principais tópicos dentro de uma produção audiovisual, contemplando todas as áreas da mesma, da concepção do roteiro, pré-produção, produção e pós.

No blog do projeto⁷, é possível ter acesso a essas aulas em outros formatos – sabendo-se que cada aluno e professor tem suas particularidades ao ensinar e aprender, a mesma aula divide-se de diversas maneiras, seja em formato de texto escrito ou de vídeo blog – os *vlogs*. Atualmente, as mesmas aulas ofertadas aos professores são disponibilizadas no blog do projeto em formato *power point* para *download* e em vídeo no *Vlog da Kelly e Cine Passo a Passo*. Outro métodos de

⁶ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm

⁷ <http://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo>

ensino audiovisual ofertado é o *Programa Como Foi Feito?*, informações detalhadas de cada curta-metragem já produzido no projeto.

Também é levado em conta no método de ensino do projeto os recursos disponíveis pelas escolas e alunos, buscando sempre utilizar programas de fácil usabilidade e *softwares* livres, sem deixar de citar programas mais profissionais para os que queiram se aprofundar no assunto. Além disso é sugerido no blog dicas para conseguir trilhas sonoras, como instalar alguns programas e ainda desenvolvem-se oficinas de curtas-metragens em fotografias estáticas e oficinas de vídeo com celular.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em diálogo com professores, podemos observar o grande interesse dos mesmos em utilizar de recursos audiovisuais em suas disciplinas – é importante lembrar que o professor que irá ministrar o projeto em cada ano pode pertencer a quaisquer áreas do conhecimento, podendo ser um professor de Língua Portuguesa, Artes, Matemática, Ciências, etc. É interessante observar como cada professor faz uso do aprendido nas oficinas de capacitação em suas aulas, podendo por exemplo, um professor de português sugerir um vídeo adaptado de uma obra literária, ou um professor de ciências pedir para que os alunos produzam um curta-metragem de temática relacionada ao meio-ambiente, por exemplo.

Em uma pesquisa do ano anterior do mesmo projeto, foi constatado que alunos líderes em sala de aula costumam também encabeçar os projetos de audiovisual e isso se mostra afirmativo mesmo quando tais alunos são também líderes em comportamentos desviantes – nesse caso, trazer novos métodos de ensino, como a produção de vídeo, pode não apenas centrá-los mais nos estudos como também promover maior socialização entre colegas de sala e professores.

Percebemos o crescimento dos festivais e oficinas ano a ano. Se em 2012 os projetos contemplavam apenas a cidade de Pelotas, em 2014 os mesmos foram expandidos para Rio Grande, em 2015 para São Leopoldo e São Lourenço do Sul e agora, em 2016, para Capão do Leão e São José do Norte. Na primeira visita à Capão do Leão, inclusive, professoras citaram o grande interesse dos alunos ao ver o cartaz de divulgação do festival, cobrando-os oficinas e trabalho sobre audiovisual em sala.

4. CONCLUSÕES

Percebemos que os projetos de *Produção e Festival de Vídeo Estudantil* trazem benefícios não apenas aos alunos que com ele interagem, mas também aos professores que encontram nesses projetos formas distintas de ensino e um modo de chamar a atenção dos alunos para os tópicos abordados em suas disciplinas. Além disso, esses projetos dialogam e colaboram com as atuais políticas de propagação e desenvolvimento do audiovisual brasileiro como indústria, ajudando na formação de público e propondo um contato inicial aos métodos de produção. A expansão do projeto para novas cidades e a possibilidade de utilizar de diferentes recursos (textos, oficinas, slides, e vlog), trazendo o audiovisual para dentro da escola, sempre entendendo seu público e suas dificuldades e recursos, garante não apenas a diversão dentro de sala de

aula, mas também o maior contato com a arte e cultura, o incentivo ao consumo de audiovisual nacional e novas técnicas de ensino e diálogo entre professores e alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, P.; MONTEZI, G. Audiovisual e a adequação do ensino ao estudante. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA - SEMANA INTEGRADA DA UFPEL**. Pelotas, 2015.

DA-RIN, S. De anos de políticas públicas para o audiovisual brasileiro. **Observatório Itaú Cultural**. São Paulo, 2010. Online. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001784.pdf>.

IKEDA, M. **O “novíssimo cinema brasileiro”. Sinais de uma renovação**. Cinémas d’amérique latine, digital, 2012. Acesso em julho de 2016. Disponível em: <<https://cinelatino.revues.org/597>>.

SANGUINÉ, L. **Quatro curtas são premiados no 3º festival de vídeo estudantil em Pelotas**. Diário Popular Digital, Pelotas, 10 de dezembro de 2014. Tudo. Acesso em agosto de 2016. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTMzOTE=&id_area=MA==>>

RUY, K.; SILVA, D. R. P. Cinema brasileiro: um diálogo entre exibição e práticas de consumo de filmes. **Sessões do imaginário**. Porto Alegre, 2012. Online. Acesso em Julho de 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/12150/8709>>